

22-10-944

Da Justiça Social

FALA-SE muito, em nossos dias, de um mundo novo, de um mundo de maior Justiça.

E entende-se por Justiça uma organização social mais equitativa que dê ao homem a segurança de dia de amanhã e o liberte definitivamente do pesadelo da fome e de desemprego.

Do mundo novo não falaremos agora, pois ninguém sabe ainda como há-de organizar-se nem viver. Mas da Justiça interessa-nos falar, por que da sua miragem todos nós andamos cheios.

A guerra ateou mais vivo o anseio de Justiça social. Mas não o fez nascer de novo.

Donde veio então? Quem tem arvorado com mais entusiasmo o seu pendão sedutor?

Por incompreensível traição ao espírito do cristianismo, muitos que se gloriam do nome de cristãos, têm procurado aliviar a idéia de esquerdista, revolucionário, avançado, digamos até, bolchevista, a todo aquele que ergue a sua voz em defesa da Justiça. Falar de reivindicações sociais, defesa do operário, reforma do capitalismo ou nacionalização das grandes forças económicas, é arriscar-se ao título de socialista. E daí o pensarem muitos que deve combater-se toda a veleidade de refazer a organização económica e social em bases novas, para não subverter a ordem social.

Falei um dia, numa grande vila do Ribatejo, a algumas centenas de operários. Tanto bastou para que um grande industrial de Lisboa, que não me ouviu nem sequer soube o que eu dissera, concluisse da imprudência de tais prédicas e nos acusasse a todos nós de andarmos a lançar agitação nos meios operários, dando assim apoio ao fermento revolucionário e anárquico que, a vingar, faria ruir a sociedade, afogando-a num mar de sangue e de lama.

Porque sábia da honestidade aêse homem e da largueza do seu espírito, procurei-o, na sua própria fábrica. Depois de larga troca de impressões, aquele que até ali me considerara um homem perigoso, compreendeu quão falsos e errados tinham sido os seus juízos... e os seus caminhos, e mudou inteiramente de pensar.

Não! a ânsia de Justiça social, a defesa dos pobres e dos humildes, a defesa dos que a cobiça explora e aniquila, nem é monopólio dos esquerdistas de várias côres, nem sequer sua invenção. Foi Cristo quem primeiro lançou ao mundo o seu grito de Justiça naquele admirável Sermão da Montanha, quando proclamou: «Bem aventurados os que tiverem fome e sede de Justiça. Desde então, como escreve Maritain, foi-se cavando, à sombra do cristianismo, na alma das multidões, essa fome devoradora que prepara o ambiente para o progresso da Justiça social. A abolição da escravatura, o aniquilamento da servidão, a evolução do salariado para um regime social de maior respeito pela dignidade e pelos direitos da pessoa humana, têm sido obra do cristianismo. O socialismo, o comunismo, o próprio anarquismo só puderam encontrar razão de existir no momento em que os cristãos se esqueceram das palavras do Evangelho. Houve, de facto, na história da civilização cristã, uma época de traição a essa sublime e revolucionária civilização — época cujo termo se aproxima, mas que não chegou ainda ao seu termo. Como pode, com efeito, chamar-se cristão um espírito que repudia os ensinamentos de Cristo, uma mentalidade que ajoça a fome e a sede de Justiça nas mais feias acusações?

Desde Leão XIII, nunca ce saiam os Sumos Pontífices de recordar ao mundo cristão os deveres sagrados que lhe impõe uma tradição duas vezes milenária. Ainda, há poucas semanas, o actual Pontífice ordenou uma vez mais a obrigação de acoborar — são as próprias palavras de que se serviu — na avançada para aquela Justiça social, de que devem ter fome e sede todos os verdadeiros discípulos de Cristo.

Lançar o tabéu de revoltados, de esquerdistas, ou coisa pior ainda a quem quer que na alma sentiu a mesma fome que devorou a alma de Cristo, é renegar do cristianismo, é atraçoa-lo, é perdê-lo. Não há sentimento mais profundo na consciência das multidões do que o sentimento da Justiça. Não admira que assim seja, e que a multidão pense que o cristianismo já fez a sua época, só porque não encontra em muitos que dizem defender a sua civilização, a mesma ânsia de Justiça.

E este espírito de falso cristianismo que leva alguns a pensar, por

exemplo, que o «maquis» francês era constituído pela pior canalha, quando a verdade é que a verdadeira alma daquele admirável movimento estava precisamente na fina flor da juventude francesa, consciente do seu dever patriótico e cristão.

A Justiça individual como a Justiça social é um dos fundamentos essenciais do cristianismo. Defendem a civilização cristã todos aqueles que defendem a Justiça. Negam-na, atraçoa-na todos aqueles que, à sua sombra, pretendem abafar os apêlos angustiosos de Justiça saídos da alma cristã das multidões.

Se o mundo novo que se anuncia, for um mundo de Justiça social, não receamos prever que há-de ser também um mundo cristão. Pode ter de passar por crises mais ou menos graves, antes de tomar a consciência da verdadeira origem da Justiça. Mas um dia sentirá a verdade, e nesse dia o cristianismo conhecerá novas glórias, quando a roda do tempo, que tudo aniquila, tiver consumido os últimos abencerragens de uma suposta civilização que só usou o nome de cristã, para melhor e mais impunemente renegar da pregação social de Cristo.

A ânsia de Justiça social que tanto interessa o mundo moderno, e tanto seduz a alma sincera do povo, deve apaixonar todos aqueles que encontram na civilização cristã o fundamento principal do verdadeiro progresso humano e da paz e felicidade das nações.

ABEL VARZIM.